

A alegoria "Mito da caverna" do filósofo Platão descreve a situação dos prisioneiros, os quais recusam-se a observar a realidade por estarem controlados e coesos ao conformismo, tendo como a única forma de se libertarem é através da construção do conhecimento. Fora da alusão, a contemporaneidade brasileira caracteriza-se os mesmos sentimentos tornando-se prisioneiros da irrealdade o que se torna um obstáculo no que diz a respeito do reconhecimento da contribuição das mulheres nas ciências da saúde, o qual persiste de modo intrínseco sob o corpo social, seja pela disparidade de gênero, como também pela omissão informacional.

A princípio, vale ressaltar que a desigualdade de gênero presente ao decorrer da formação antropológica é um fator desafiante para a consolidação da problemática. O período Renascentista é estimulado por transformações, em específico a construção da pesquisa científica atrelada ao racionalismo. Entretanto, as relações das mulheres a estes meios eram majoritariamente distanciados, visto que suas condições sociais ainda se relacionam à domesticação e ao matrimônio. Fora deste período histórico, infelizmente esta mentalidade se mostra no meio social e técnico brasileiro, pois ainda esta parcela social é sucumbida pela inferioridade patriarcal e desfavorecida em suas áreas de atuação.

Ademais, a ausência das informações acerca do protagonismo feminino nas ciências da saúde surge como barreira para o total reconhecimento social. A guerra do Paraguai consolidou-se como um dos principais marcos históricos brasileiros e estimulou o início da integração das mulheres por intermédio do voluntarismo de médicas e enfermeiras. Anna Nery, por exemplo, participou do corpo de saúde do exército e influenciou diversas transformações sociais e ambientais, tornando-se fundadora da enfermagem moderna no século XIX. Apesar deste fato ser importante, a história das mulheres em processos de intensa mobilização são escassas, tornando-as invisíveis sob a perspectiva nacional.

Portanto, para que haja a visibilidade do papel das mulheres sobre os meios técnicos da saúde, é necessário agir com eficiência. Neste sentido, a Secretaria da Educação em conjunto com os programas de pesquisa científica brasileira, instâncias públicas reconhecidas devem desenvolver projetos socioeducativos, através de minicursos, ministrados por profissionais da área da saúde, historiadores e sociólogos, visando a universalização do entendimento dos papéis sociais femininos e suas relações com a construção da sociedade e como se deve aplicar isso no cotidiano. Deste modo, assim como Platão a sociedade através do conhecimento possa se libertar e analisar a total realidade.